

sedução mortal

j. d. robb

Tradução de Ana Mendes Lopes

*É verdade que falo em sonhos,
Os filhos de um cérebro ocioso,
Feitos apenas de fantasiosa vaidade.*

WILLIAM SHAKESPEARE



*E todo o homem mata aquilo que ama,
Que todos disto saibam,
Uns fazem-no com um olhar amargo,
Outros com uma palavra açucarada.
O covarde fá-lo com um beijo,
O corajoso com uma espada!*

OSCAR WILDE

C A P Í T U L O 1



A morte aparecia nos sonhos. Ela era uma criança que nunca fora criança, enfrentava um fantasma que, não importava quantas vezes o seu sangue lhe banhasse as mãos, não morria.

O quarto estava frio como uma sepultura, nublado com a luz vermelha que piscava, acendia, apagava, acendia, apagava, contra o vidro sujo da janela. A luz espalhava-se pelo chão, pelo sangue, pelo corpo dele. Por cima dela, enquanto se aninhava no canto com uma faca, ainda na mão, coberta de sangue derramado até ao cabo.

A dor estava por todo o lado, sacudindo-lhe o corpo em ondas entorpecedoras sem princípio nem fim, que a rodeavam interminavelmente, trespassando cada uma das suas células. O osso do braço que ele partira, o rosto onde tão descuidadamente lhe batera. O centro do seu corpo mais uma vez rasgado, durante a violação.

Sentia-se aturdida pela dor, envolta em choque. E banhada pelo sangue dele.

Tinha oito anos.

Enquanto arquejava, via a própria respiração. Pequenos fantasmas que lhe diziam que estava viva. Sentia o sabor do sangue dentro da boca, um sabor agudo e terrível; sentia o cheiro do uísque por baixo do odor da morte fresca.

Estava viva e ele não. Estava viva e ele não. Entoava aquelas palavras, uma e outra vez dentro da sua cabeça, enquanto tentava retirar delas algum sentido.

Ela estava viva. Ele não.

E os olhos dele abertos e a fixá-la, a fitá-la.

Sorriram.

Não te livras de mim assim tão facilmente, minha menina.

A respiração dela acelerou-se, em arquejos entrecortados que se reuniam num grito. Pareciam querer rasgar-lhe a garganta. Mas a única coisa que se ouviu foi um gemido.

Fizeste aqui uma grande trapalhada, não foi? És incapaz de fazer o que te mandam.

A voz dele era tão agradável, luminosa com aquele humor sombrio que sabia ser o mais perigoso de todos. Enquanto se ria, o sangue jorrava pelos buracos que ela lhe tinha rasgado no corpo.

O que se passa, minha menina? O gato comeu-te a língua?

Eu estou viva e tu não. Eu estou viva e tu não.

Achas?

Ele agitou os dedos, numa espécie de provocação que a fez gemer de terror quando gotas vermelhas pingaram das pontas.

Desculpe. Não queria fazê-lo. Não me magoe mais. Magoou-me. Porque tem de me magoar?

Porque tu és estúpida. Porque não me dás ouvidos! Porque — e este é o verdadeiro segredo — porque posso magoar-te. Posso fazer o que me apetece que ninguém se rala contigo. Tu não és nada, não és ninguém e nunca te esqueças disso, minha pequena cabra.

Naquele momento começou a chorar; as lágrimas frias e finas abriam sulcos pela máscara de sangue que lhe cobria o rosto. Vá-se embora. Vá-se embora e deixe-me em paz!

Não vou fazer nada disso. Jamais o farei.

Para seu grande horror, ele apoiou-se nos joelhos. Ficou ali agachado como um sapo saído de um pesadelo, ensanguentado e sorridente. A observá-la.

Investi muito em ti. Tempo e dinheiro. Quem te dá a porra de um teto? Quem te põe comida no estômago? Quem te leva a viajar por este nosso grandioso país? A maior parte dos miúdos da tua idade não viram porra nenhuma, e tu já viste. Mas aprendeste alguma coisa? Não, não aprendeste. Fazes a tua parte? Não, não fazes. Mas vais fazer. Lembras-te do que te disse? Vais começar a ganhar o teu sustento.

Ele levantou-se; era um homem grande, com as mãos cerradas em punhos ao lado do corpo.

Mas, agora, o papá tem de te castigar. Deu um passo trôpego em direção a ela. *Foste uma menina má.* Mais um passo. *Uma menina muito má.* Acordou com o próprio grito.

Estava encharcada em suor, a tremer de frio. Esforçou-se por respirar, debatendo-se loucamente para se livrar dos lençóis enrolados em que se envolvera à medida que atravessava aquele pesadelo.

Às vezes ele amarrava-a. Ao lembrar-se disso, fez pequenos sons animais, guturais, enquanto rasgava os lençóis.

Uma vez livre, rebolou para fora da cama, agachou-se ao lado dela, na escuridão, como uma mulher preparada para fugir ou lutar.

— Luzes! Completamente acesas. Oh, Deus, oh, Deus.

As luzes ligaram-se, escorraçando todos os resquícios de sombras do enorme e deslumbrante quarto. Ainda assim, percorreu-o com os olhos; olhou para cada canto, à procura de fantasmas, enquanto a sensação pavorosa do sonho lhe trespassava as entranhas.

Reprimiu as lágrimas. Eram inúteis e fracas. Da mesma forma que era inútil e sinal de fraqueza deixar-se amedrontar por sonhos. Por fantasmas.

Mas ali, enquanto se levantava para se sentar aos pés da enorme cama, continuava a tremer.

A cama estava vazia porque Roarke se encontrava na Irlanda e a sua experiência de dormir ali sem ele, sem sonhos, revelara-se um enorme falhanço.

Questionou-se se isso faria dela uma mulher miserável. Estúpida? Ou apenas casada?

Quando o gato gordo, *Galahad*, lhe deu uma turra no braço, pegou nele. Ficou ali sentada, a tenente Eve Dallas, polícia há onze anos, reconfortando-se com um gato da mesma forma que uma criança faria com um urso de peluche.

O estômago contorcia-se com náuseas enquanto Eve continuava a balançar-se, rezando para não vomitar e acrescentar mais uma aflição àquela noite.

— Horas — ordenou e o mostrador do relógio da mesa de cabeceira piscou. *Uma e quinze*, viu. Perfeito. Mal tinha conseguido dormir uma hora antes de acordar aos gritos.

Pousou o gato e levantou-se. Desceu da plataforma tão cuidadosamente como se fosse uma senhora de idade, atravessou o quarto e foi até à casa de banho.

Deixou a água correr fria, tão fria quanto conseguia suportar, depois lavou o rosto enquanto *Galahad* se enroscava nas suas pernas como se fosse uma fita rechonchuda.

Enquanto o gato ronronava no meio do silêncio, Eve levantou a cabeça e examinou o rosto ao espelho. Estava quase tão incolor como a água que pingava por ele abaixo. Os olhos estavam negros, com uma expressão magoada, exausta. O cabelo parecia um capacete castanho matizado e os ossos do rosto demasiado pontiagudos, demasiado próximos da superfície. A boca era demasiado grande, o nariz vulgar.

Questionou-se, que diabo via Roarke quando olhava para ela?

Podia ligar-lhe naquele instante. Já passava das seis da manhã na Irlanda e ele era sempre madrugador. Mesmo que ainda estivesse a dormir, não se importaria. Podia simplesmente pegar no *link*, ligar-lhe e o rosto dele apareceria no ecrã.

Mas depois ele ia ver os pesadelos nos olhos dela. Que bem faria a qualquer um dos dois?

Quando um homem era dono da maior parte do universo, tinha o direito de viajar em negócios sem ser perseguido pela mulher. Neste caso em particular, o que o mantinha longe dela era mais do que negócios. Tinha ido a um velório de um amigo e não precisava que ela lhe descarregasse em cima mais agitação e preocupação.

Eve sabia, embora nunca o tivessem discutido, que ele reduzira bastante as viagens que implicavam noites fora de casa. Quando ele dormia ao seu lado, os pesadelos não costumavam ser tão violentos.

Nunca tinha tido um pesadelo como aquele, em que o pai tivesse falado com ela *depois* de o ter matado. Ele dissera-lhe coisas que Eve pensava — e tinha quase a certeza — já ter ouvido da boca dele quando estava vivo.

Eve imaginou que a Dra. Mira, a famosa psicóloga e avaliadora de perfis da NYPSD, Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque, teria um dia em cheio ao analisar o significado e simbolismo de tudo aquilo.

Mas isso também não adiantaria de nada, decidiu. Por isso, guardou aquela pequena pedra preciosa para si. Ia tomar um duche, agarrar no gato e ir lá para cima, para o escritório. Ela e *Galahad* iam estender-se na grande poltrona de Eve e passar ali o resto da noite.

Quando a manhã chegasse, o sonho já se teria ido embora.

Lembra-te do que te disse.

Não conseguia, pensou Eve enquanto entrava no chuveiro e ordenava que todos os jatos se abrissem ao máximo a trinta e oito graus. Não se conseguia lembrar.

E não queria fazê-lo.

Quando saiu do duche, estava mais calma e, por muito patético que fosse, vestiu uma camisa de Roarke para se reconfortar. Tinha acabado de pegar no gato quando o *link* da mesa de cabeceira apitou.

Roarke, pensou, ficando consideravelmente animada.

Esfregou a face contra a cabeça de *Galahad* e respondeu:

— Dallas.

Despacho. Para Dallas, tenente Eve...

A morte não aparecia só nos sonhos.

Eve estava agora perante ela, sob o ar cálido daquela madrugada de terça-feira, em junho. O passeio da cidade de Nova Iorque estava circunscrito, os sensores e blocos espalhados em volta do pavimento e dos coloridos tubos de petúnias que normalmente adornavam a entrada do edifício.

Gostava particularmente de petúnias, mas não lhe parecia que daquela vez fossem dar grande resultado. Nem tão-pouco nos tempos que se aproximavam.

A mulher estava deitada de rosto para baixo no passeio. A avaliar pelo ângulo do corpo, pelos salpicos e pelas poças de sangue, não devia restar muito do tal rosto. Eve olhou para cima, para a imponente torre cinzenta com as varandas semicirculares e as passadeiras deslizantes em forma de fitas prateadas. Até conseguirem identificar o corpo, iam ter dificuldade em determinar de onde ela tinha caído. Ou saltado. Ou sido empurrada.

A única coisa que Eve tinha a certeza era: a queda fora muito longa.

— Recolhe as impressões digitais e passa-as pelo arquivo — ordenou.

Olhou para o lado para a assistente, enquanto Peabody se agachava e abria o estojo de campo. O chapéu do uniforme de Peabody estava posicionado mesmo a meio do cabelo negro cortado absolutamente a direito. Ela tinha boas mãos, pensou Eve, e um bom olho.

— Porque não determinas a hora do óbito?

— Eu? — perguntou Peabody, surpreendida.

— Descubra a identidade dela, determina a hora do óbito. Regista a descrição da cena e do corpo.

Naquele momento, não obstante as circunstâncias sombrias, uma expressão de entusiasmo espalhou-se no rosto de Peabody.

— Sim, chefe. Chefe, o primeiro agente a chegar à cena tem uma potencial testemunha.

— Uma testemunha lá em cima ou aqui em baixo?

— Aqui em baixo.

— Eu trato disso.

Mas Eve ficou mais um instante onde estava, observando Peabody a passar as impressões digitais da vítima no leitor. Apesar de estar com as mãos e pés selados, não fez qualquer contacto com o corpo e procedeu ao registo com rapidez e delicadeza.

Depois de acenar com a cabeça em sinal de aprovação, Eve afastou-se para questionar os agentes que estavam no perímetro.

Apesar de serem quase três da manhã, havia espetadores, pessoas que observavam a cena de boca aberta, que tinham de ser encorajadas a ir às suas vidas e dispersar. Os abutres dos jornalistas já rondavam o local, a fazer perguntas e a tentar arranjar alguns minutos de filmagens para colocarem no ar antes da primeira leva de viajantes matutinos.

Num carro aéreo, um vendedor ambicioso tinha aproveitado a oportunidade e estava a fazer umas horas extra a vender à multidão. A grelha do seu carro expelia fumo com cheiro a cachorros de soja e cebolas hidratadas.

Parecia que o negócio lhe estava a correr muito bem.

Naquela maravilhosa primavera de 2059, a morte continuava a atrair audiência por parte dos vivos e daqueles que sabiam como fazer uns trocos rápidos com o espetáculo.

Um táxi passou por cima, sem sequer se dar ao trabalho de travar. Algures ao longe na baixa, ouviu-se o grito de uma sirene.

Eve ignorou-o e virou-se para o agente.

— Ouvi dizer que há uma testemunha?

— Sim, senhora. O agente Young está com ela no carro-patrolha, para a manter afastada dos espetadores.

— Ótimo. — Eve observou os rostos para lá da barreira. Neles, viu horror, excitação, curiosidade e uma espécie de alívio.

Eu estou vivo, tu não.

Tirando aquela ideia da cabeça, procurou Young e a testemunha.

Considerando a vizinhança — apesar da dignidade e das petúnias, o edifício de apartamentos localizava-se mesmo no limite entre a zona agitada do centro e a parte mais baixa e corrupta da cidade —, Eve estava à espera de encontrar uma acompanhante registada, talvez um dependente de substâncias químicas ou um traficante a caminho de alguma marcação.

Não estava de todo à espera de encontrar a pequenina e coloridamente vestida mulher loura com um rosto bonito que lhe era familiar.

— Doutora Dimatto?

— Tenente Dallas? — Louise Dimatto inclinou a cabeça e os brincos de rubis brilharam como se fossem sangue vítreo. — Entra no carro ou quer que eu saia?

Eve espetou o polegar e seguiu a porta do carro.

— Pode sair.

Tinham-se conhecido no inverno anterior, na Clínica de Canal Street onde Louise lutava contra a maré para oferecer possibilidades de cura a pessoas sem casa nem esperança. Era de famílias abastadas, tinha sangue azul, mas Eve tinha bons motivos para saber que Louise não evitava sujar as mãos.

Quase tinha morrido ao ajudar Eve a travar uma guerra feia durante aquele inverno gélido.

Eve olhou de relance para o vestido vermelho-vivo de Louise.

— Está a fazer consultas ao domicílio?

— Tive um encontro. Alguns de nós tentam manter uma vida social saudável.

— E como correu?

— Apanhei um táxi para vir para casa, por isso pode tirar as suas conclusões. — Passou os dedos pelo cabelo curto e cor de mel. — Por que motivo há tantos homens enfadonhos?

— Sabe, essa é uma dúvida que me persegue de noite e de dia. — Quando Louise deu uma gargalhada, Eve sorriu também. — Apesar das circunstâncias, é bom voltar a vê-la.

— Pensei que ia passar lá na clínica, para ver as melhorias que a sua doação ajudou a implementar.

— Julgo que na maior parte dos locais se chama chantagem.

— Doação, chantagem, não sejamos picuinhas. Ajudou a salvar umas quantas vidas, Dallas. Deve ser quase tão gratificante para si como apanhar aqueles que as tiram a outros.

— Ainda hoje deixei fugir uma vida. — Eve virou-se e olhou novamente para o cadáver. — O que sabe sobre ela?

— Na verdade, nada. Julgo que vive no edifício, mas neste momento não está no seu melhor, por isso não sei dizer. — Depois de uma longa pausa, Louise esfregou a nuca. — Desculpe, isto tem mais a ver com o seu trabalho do que com o meu. Foi a primeira vez que alguém quase me caiu nos braços. Já vi pessoas a morrer e nem sempre é uma passagem suave. Mas isto foi...

— Pronto. Quer sentar-se um pouco agora? Quer um café?

— Não, não. Deixe-me dizer o que tenho para dizer. — Recompôs-se, com um ligeiro endireitar de ombros e de costas. — Acabei com o encontro porque estava entediada e apanhei um táxi para casa. Tínhamos ido jantar a um clube na parte alta da cidade. Quando aqui cheguei, acho que era mais ou menos uma e meia.

— Vive neste prédio?

— Exatamente. No décimo andar. Apartamento 1005. Paguei o táxi e saí ali junto ao passeio. Está uma noite bonita. Pensei, estava uma noite tão agradável e fui logo desperdiçá-la com aquele idiota. Por isso, fiquei ali parada durante alguns minutos, no passeio, a questionar-me se devia ir para casa dormir ou dar uma volta. Decidi que ia subir, arranjar uma cápsula noturna e sentar-me na varanda. Virei-me e dei mais um passo em direção às portas. Não sei porque olhei para cima... não ouvi nada. Mas a verdade é que olhei para cima, e ela estava a cair, com o cabelo a esvoaçar como se fosse um par de asas. Não podem ter sido mais de dois ou três segundos. Mal tive tempo para compreender o que estava a ver, ela bateu no chão.

— Não viu de onde ela caiu?

— Não. Já vinha a cair e depressa. Jesus, Dallas. — Louise teve de parar por um instante, para afastar a imagem do pensamento. — Ela bateu com tanta força, e com um barulho realmente desagradável; vou ouvi-lo nos meus sonhos durante muito tempo. Não caiu a mais de um metro e meio ou dois metros do local onde me encontrava.

Inspirou novamente e forçou-se a olhar uma vez mais para o corpo. Agora, por cima do horror, havia pena.

— As pessoas acham que chegaram ao fim da corda. Que não lhes resta mais nada. Mas não é verdade. Há sempre mais um pouco de corda. Há sempre mais qualquer coisa.

— Acha que ela saltou?

Louise voltou a olhar para Eve.

— Sim, parti desse princípio... Disse-lhe que não ouvi nada. Ela não fez qualquer som. Não gritou, não chorou. Não se ouviu nada exceto o esvoaçar do cabelo. Acho que deve ter sido por isso que olhei para cima. — Ficou pensativa. — Afinal acho que ouvi alguma coisa. Esse esvoaçar, como se tivesse asas.

— O que fez depois de ela bater no chão?

— Fui ver se tinha pulso. Palermo — disse Louise, com um encolher de ombros. — Sabia que ela estava morta, mas mesmo assim fui verificar. Depois peguei no *link* e chamei o 112. Pensa que foi empurrada? É por isso que está aqui.

— Ainda não penso nada. — Eve virou-se novamente para o edifício. Algumas das luzes estavam ligadas quando ali chegara, mas agora havia mais, por isso a fachada parecia um tabuleiro de xadrez vertical, com casas prateadas e pretas. — Os Homicídios são sempre chamados nestes casos. Faz parte dos procedimentos. Faça um favor a si própria. Vá para casa, tome um comprimido, desligue. Não fale com a imprensa, mesmo que venham a descobrir o seu nome.

— Bom conselho. Quando... quando souber o que lhe aconteceu, diz-me alguma coisa?

— Sim, posso dizer. Quer que um agente a acompanhe a casa?

— Não, obrigada. — Olhou uma última vez para o corpo. — Por muito má que a minha noite tenha sido, foi melhor que a de outras pessoas.

— Compreendo.

— Os meus cumprimentos ao Roarke — acrescentou Louise, encaminhando-se depois para as portas do prédio.

Peabody já estava de pé com o seu minúsculo portátil na mão.

— Já tenho a identificação dela, Dallas. Bryna Bankhead, vinte e três anos, raça mista. Solteira. Residência no apartamento 1207 do edifício atrás de nós. Trabalhava na secção de roupa interior da Saks da Quinta Avenida. Determinei a hora do óbito à uma e quinze da manhã.

— Uma e quinze? — repetiu Eve, pensando nas horas que o relógio de cabeceira lhe indicara.

— Sim, chefe. Fiz a medição duas vezes.

Eve franziu o sobrolho para a sonda, para o estojo de campo e para a poça de sangue que se acumulara por baixo do corpo.

— A testemunha disse que ela caiu por volta da uma e meia. A que horas foi feita a chamada para o 112?

Ligeiramente constrangida, Peabody consultou o registo no seu portátil.

— A chamada foi feita à uma e trinta e seis. — Expirou profundamente, fazendo agitar a franja grossa e escorrida. — Devo ter metido água com as medições — começou por dizer. — Desculpa...

— Não me peças desculpa até eu te dizer que fizeste asneira. — Eve agachou-se, abriu o seu próprio estojo de campo e tirou a sonda. Depois fez pessoalmente a medição, pela terceira vez.

— A hora de óbito que determinaste está correta. Para que conste — continuou. — A vítima foi identificada como Bankhead, Bryna, causa de morte indeterminada. Hora do óbito, uma e quinze. Hora verificada por Peabody, agente Delia, e investigadora principal Dallas, tenente Eve. Vamos virá-la, Peabody.

Peabody engoliu as perguntas que tinha na ponta da língua e a subida rápida da sua própria náusea. Para encarar aquele momento, procurou clarear as ideias, mas mais tarde iria pensar que virá-la foi como virar uma saca cheia de galhos partidos que nadavam por entre um líquido espesso.

— O impacto danificou seriamente o rosto da vítima.

— Chiça — disse Peabody entre dentes. — Realmente.

— Os membros e tronco também sofreram ferimentos severos, tornando impossível determinar qualquer eventual ferimento anterior à morte, pelo menos a partir de um exame visual. O corpo está desnudo. A vítima usa brincos. — Eve tirou uma pequena lupa e usou-a para examinar os lóbulos das orelhas da vítima. — Pedras coloridas encastradas em ouro, a condizer com o anel médio da mão direita.

Aproximou-se até os lábios estarem quase encostados ao pescoço da vítima — e a náusea de Peabody ergueu-se mais uma vez.

— Chefe...

— Perfume. Ela colocou perfume. Tu costumavas andar pelo teu apartamento à uma da manhã, Peabody, com joias elegantes e perfume?

— Se estiver no meu apartamento acordada à uma da manhã, o mais certo é estar com as pantufas em forma de coelho. A não ser que...

— Pois, já sei — disse Eve, endireitando-se. — A não ser que tenhas companhia. — Eve virou-se para a cena do crime. — Coloca-a num saco. Quero-a identificada como prioritária com o médico-legista. Quero que a examinem em busca de atividade sexual recente e qualquer ferimento anterior à morte. Vamos dar uma vista de olhos ao apartamento dela, Peabody.

— Ela não saltou.

— As provas indicam-nos o contrário.

Entrou no átrio do edifício com passadas largas. Este era pequeno e sossegado, munido de câmaras de segurança.

— Quero os discos da segurança — disse para Peabody. — Para começar, os do átrio e do décimo segundo piso.

Seguiu-se uma longa pausa enquanto entravam para o elevador e Eve indicava o décimo segundo piso como destino. Depois, Peabody mexeu-se ligeiramente e disse, tentando parecer casual:

— Então... vais chamar a DDE?

Eve enfiou as mãos nos bolsos, franziu o sobrolho para as portas simples de metal escovado do elevador. A ligação romântica de Peabody com Ian McNab, um detetive da Divisão de Detecção Eletrónica, tinha acabado recentemente. *O que*, pensou Eve amargamente, *se alguém me tivesse dado ouvidos, não tinha corrido tão mal porque nunca sequer teria existido.*

— Aguenta-te à bronca, Peabody.

— Estou apenas a colocar uma questão razoável sobre o procedimento e não tem coisa nenhuma a ver com nada além disso.

O tom de Peabody era rígido o suficiente para transmitir insulto, sentimentos magoados e aborrecimento. Era muito boa naquilo, pensou Eve.

— Se durante esta investigação, eu, na qualidade de investigadora principal, achar que será relevante consultar a DDE, tomarei providências nesse sentido.

— Também podias solicitar um detetive sem ser aquele cujo nome não pronunciarei — resmungou Peabody.

— Quem gere a DDE é o Feeney. Não sou eu quem lhe diz que pessoal destacar para as várias solicitações. E, caramba, Peabody, neste caso ou noutro qualquer, vamos ter de acabar por trabalhar com o McNab, e era exatamente por isso que nunca o devias ter deixado saltar-te em cima.

— Eu posso trabalhar com ele. Não me incomoda nem um pouco. — E com isto saiu furiosamente do elevador para o piso doze. — Sou uma profissional, ao contrário de outros que andam sempre a armar-se em espertos e se apresentam no trabalho com roupas estranhas, só para se exibirem.

Em frente da porta do apartamento de Bankhead, Eve ergueu as sobrancelhas.

— Está a dizer que sou pouco profissional, agente?

— Não, chefe! Eu estava... — Os ombros retos descontraíram e uma centelha de humor voltou a entrar nos seus olhos. — Jamais chamaria às tuas roupas estranhas, Dallas, apesar de estar quase certa de que essa camisa que tens vestida é de homem.

— Se já acabaste com o teu ataque de mau humor, voltamos então aos registos. Utilizando um código-mestre para entrar no apartamento da vítima — continuou Eve, destrancando a fechadura. Abriu a porta e examinou-a. — A corrente interior e o ferrolho não estavam corridos. As luzes da sala de estar estão baixas. A que te cheira, Peabody?

— Ah... a velas, talvez a perfume.

— O que vês?

— Sala de estar, bem decorada e organizada. O ecrã de entretenimento está ligado. Parece uma clareira na primavera. Na mesa junto ao sofá, vejo dois copos de vinho e uma garrafa de vinho tinto aberta, indicando que a vítima teve companhia a determinada altura da noite.

— Muito bem. — Embora esperasse que Peabody tivesse ido um pouco mais longe, Eve acenou com a cabeça. — O que ouves?

— Música. O sistema de áudio está ligado. Violinos e piano. Mas não reconheço a melodia.

— Não a melodia, mas o tom — disse Eve. — Romance. Olha mais uma vez em redor. Está tudo nos seus lugares. Tudo arrumado, limpo e, como disseste, organizado. Mas deixou uma garrafa de vinho aberta e dois copos usados? Porquê?

— Porque não teve oportunidade de os arrumar.

— Ou de desligar as luzes, o áudio e o ecrã de entretenimento. — Eve avançou pela sala, olhou para a cozinha que ficava ao lado. As bancadas estavam limpas e vazias, com exceção de um saca-rolhas e da rolha da garrafa. — Quem abriu a garrafa, Peabody?

— A conclusão mais provável é que terá sido quem a acompanhava. Se tivesse sido ela, e seguindo os indícios do resto do apartamento, o saca-rolhas estaria arrumado e a rolha da garrafa no ponto de reciclagem.

— Hmm. As portas da varanda estão fechadas e trancadas por dentro. Se estamos perante um suicídio ou uma morte acidental, não foi aqui da varanda da sala. Vamos ver o quarto.

— Não achas que foi suicídio ou acidente.

— Eu ainda não acho nada. O que sei é que a vítima era uma mulher solteira que mantinha o apartamento muito arrumado e que as

provas nos indicam que passou pelo menos uma parte da noite em casa, acompanhada.

Eve virou para o quarto. A música também se fazia ouvir ali; notas fluidas, sonhadoras, que pareciam deslizar na brisa que entrava pelas portas abertas da varanda. A cama estava desfeita e os lençóis desordenados repletos de pétalas de rosas cor-de-rosa. Ao lado da cama amontoava-se um vestido preto, roupa interior preta e sapatos elegantes, também pretos.

Colocadas por todo o quarto, as velas ardiam na sua própria cera aromatizada.

— Interpreta a cena — disse Eve.

— Ao que parece, a vítima esteve em vias de se envolver, ou envolveu-se de facto, em atividades sexuais antes da sua morte. Não existem sinais de luta aqui ou na sala, o que indica que o sexo, ou os planos sexuais, foram consensuais.

— Isto não foi sexo, Peabody. Foi sedução. Vamos ter de descobrir quem seduziu quem. Regista a cena, depois arranja-me os tais discos da segurança.

Com o dedo selado, Eve abriu a gaveta da mesa de cabeceira.

— É a gaveta das guloseimas.

— Chefe?

— A gaveta do sexo, Peabody. As provisões de uma rapariga solteira, que neste caso incluem preservativos. A vítima gostava de homens. Um par de frascos de saborosos óleos corporais, um vibrador para momentos de autossatisfação quando necessário ou desejado, e lubrificante vaginal. É bastante básico, talvez até um pouco conservador e regular. Não existem brinquedos ou acessórios que indiquem que a vítima se inclinava para relações entre o mesmo sexo.

— Então a sua companhia era um homem.

— Ou uma mulher com esperanças de alargar os horizontes da Bankhead. Vamos descobrir através dos discos. E talvez tenhamos sorte com o relatório do médico-legista e encontremos pequenos soldadinhos dentro dela.

Eve entrou na casa de banho contígua. Estava limpa e reluzente, com as toalhas debruadas com fita perfeitamente alinhadas. Havia sabonetes elegantes num prato igualmente elegante, cremes perfumados em frascos de vidro e prata.

— O meu palpite é que o parceiro de cama dela não andou por aqui nem tomou banho. Traz a equipa forense para processar o apartamento

— ordenou. — Vamos ver se o nosso Romeu deixou alguma coisa para trás.

Abriu o armário dos medicamentos, observando o seu conteúdo. Tinha medicamentos normais de venda livre, nada de extraordinário. Seis caixas de pílulas contraceptivas de vinte e oito dias.

A gaveta por baixo do lavatório estava cheia, e meticulosamente organizada, de melhoradores cosméticos. Batons, pestanas postiças, sombras para rosto e corpo.

Bryna passou muito tempo em frente a este espelho, matutou Eve. Se o vestido preto, o vinho e as velas tivessem o propósito que Eve lhes adivinhava, então Bryna tinha passado um tempo considerável a olhar-se ao espelho. A preparar-se para um homem.

Dirigindo-se ao *link* do quarto, Eve recuperou a última chamada e ficou ali, a ouvir a voz de Bryna Bankhead, muito composta no seu vestido preto, a contar os planos grandiosos para aquela noite, a uma morena chamada CeeCee.

Estou um pouco nervosa, mas estou principalmente entusiasmada. Vamos conhecer-nos finalmente. Como estou?

Estás fabulosa, Bry. Lembra-te apenas de que os encontros na vida real são diferentes dos encontros virtuais. Vai com calma e vai para um lugar público esta noite, está bem?

Claro. Mas sinto mesmo que já o conheço, CeeCee. Temos tanto em comum e há semanas que andamos a trocar e-mails. Além de que a ideia de nos encontrarmos foi minha... e a ideia de irmos beber qualquer coisa num local público para eu me sentir mais à vontade foi dele. Ele é tão atencioso, tão romântico. Deus, vou chegar atrasada. Detesto chegar atrasada. Tenho de ir.

Não te esqueças, depois quero os detalhes todos.

Conto-te tudo amanhã. Deseja-me sorte, CeeCee. Acho mesmo que este pode ser o tal.

— Pois — murmurou Eve enquanto desligava o *link*. — Também eu.

C A P Í T U L O 2



No seu gabinete, na Central de Polícia, Eve voltou a ver os discos da segurança do edifício de apartamentos gravados no dia do crime. As pessoas entravam e saíam. Residentes e visitantes. Identificou duas louras esguias que se passeavam pelo átrio como acompanhantes registadas. *O dobro do prazer*, pensou enquanto via uma delas a combinar o próximo trabalho no *link*, ao passo que a outra registava o compromisso numa agenda eletrónica.

Bryna Bankhead entrou apressada às seis e quarenta e cinco, com alguns sacos de compras na mão e o rosto agradavelmente ruborizado.

Estava feliz, pensou Eve. Entusiasmada. Queria chegar a casa, tirar as coisas novas dos sacos e entreter-se com elas. Queria preparar-se, arranjar-se, mudar de ideias um par de vezes quanto à roupa que ia vestir. Talvez arranjasse qualquer coisa rápida para comer, para não ficar com o estômago nervoso.

Uma típica mulher solteira ansiosa por um encontro. Uma mulher que não sabia que antes que o encontro acabasse, já faria parte de uma estatística.

Viu Louise entrar no edifício pouco antes das sete e meia. Também parecia apressada, mas ela andava sempre assim. Não havia qualquer centelha de aventura ou ansiedade no seu rosto, reparou Eve. Parecia distraída, um pouco cansada.

Nenhum saco de compras para a Dra. Dimatto, constatou. Levava apenas o estojo médico e uma mala tão grande como o Estado do Idaho.

Não era uma mulher solteira assim tão típica, pensou Eve, porque parecia já ter decidido que não ia apreciar a noite que tinha à sua frente.

E não sabia que a acabaria com um cadáver todo partido aos pés.

Louise foi mais rápida que Bryna. Saiu do elevador, com o seu vestido justo vermelho, às oito e quarenta. Elegante, não aparentava ser a perscrutadora de mentes dedicada e inflexível que trabalhava horas de mais.

Tinha um aspeto sofisticado, sensual e extremamente feminino.

O indivíduo que entrou quando Louise ia a sair do edifício concordava obviamente com esta avaliação. Depois de ela passar, o homem olhou demoradamente para o seu traseiro. Ela não reparou, ou então estava-se nas tintas e nem um olhar lhe dirigiu.

Um miúdo de cerca de dezoito anos saiu do elevador com um andar gingão. Estava vestido de couro preto, dos pés à cabeça, e levava uma mota aérea debaixo do braço. Balançou-a para o chão enquanto abria as portas e subiu para a mota com uma agilidade e rapidez que Eve se viu forçada a admirar, depois saiu disparado pela noite dentro.

Eve bebeu um café enquanto via Bryna a sair do edifício, pouco antes das nove da noite. Ia quase a correr e Eve pensou que, com aqueles sapatos, ainda se arriscava a torcer um tornozelo só porque não queria chegar atrasada. O cabelo estava arranjado num apanhado alto e lustroso, como se fosse uma torre de ébano. O rosto tinha um delicado tom de caramelo e estava corado de ansiedade e nervos. Levava uma mala de noite pequena e os bonitos e vistosos brincos.

— Verifica os táxis em serviço num raio de um quarteirão em volta do edifício de apartamentos, Peabody. Ela estava com pressa, por isso, a não ser que se fosse encontrar com o tipo ali perto, deve ter apanhado um táxi.

Franziu o sobrolho enquanto andava com a gravação para a frente, parando apenas quando alguém entrava ou saía do edifício.

— Ela era uma mulher bonita — comentou Eve. — Parecia razoavelmente inteligente, tinha o seu próprio apartamento, um trabalho decente. Por que motivo uma pessoa assim vai à pesca de pretendentes no mundo virtual?

— Para ti é fácil dizer isso — resmungou Peabody, desviando um par de olhos semicerrados na sua direção. — Bem, caramba, Dallas, tu és *casada*. Para o resto de nós, o mundo lá fora é uma selva, cheia de macacos, cobras e babuínos.

— Já alguma vez foste a estes sítios virtuais?

Peabody mexeu os pés com desconforto.

— Talvez. E não quero falar sobre isso.

Divertida, Eve voltou a observar o vídeo.

— Eu fui solteira durante muito mais tempo do que sou casada. E nunca recorri ao mundo virtual.

— Grande coisa, quando se é alta, magra, se tem olhos de felino e uma certa covinha sensual no queixo.

— Estás a atirar-te a mim, Peabody?

— O meu amor por ti é feroz, Dallas. Mas já desisti de andar com polícias.

— Sábia decisão. Ah, ali vêm eles. Parar imagem.

O relógio marcava vinte e três horas e trinta e oito minutos. Nas duas horas e pouco que se haviam passado, Bryna tinha obviamente estado muito aconchegada ao seu encontro virtual. Chegaram com os braços em volta das cinturas um do outro, e a rir.

— Ele tem um excelente aspeto — disse Peabody, inclinando-se para o ecrã. — É uma espécie de resposta às preces de qualquer rapariga. Alto, moreno e bonito.

Eve emitiu um pequeno grunhido. Estimou que o homem devia ter pouco mais de um metro e oitenta, com cerca de oitenta e cinco quilos. O cabelo escuro e encaracolado estava puxado para trás numa melena controlada que caía sobre os ombros. A pele era poeticamente pálida, acentuada por pontos brilhantes de esmeralda nos cantos da boca e nas maçãs do rosto. Os olhos tinham o mesmo tom de verde-vivo. Uma fina linha de barba percorria o queixo na vertical, desde a base do lábio inferior até à ponta do queixo.

Vestia um fato escuro e uma camisa, do mesmo tom esmeralda, com o colarinho aberto. Trazia uma mala de couro preta pendurada ao ombro.

— Fazem um casal muito bonito — acrescentou Peabody. — Ela parece já ter ingerido algum álcool.

— Mas mais do que normais *cocktails* — corrigiu Eve, depois ordenou ao computador que aproximasse a imagem para ver melhor o rosto de Bryna. — Ela tem um brilho químico nos olhos. E ele? — Aproximou a imagem do rosto dele. — Ele está completamente sóbrio. Contacta a morgue. Quero prioridade ao exame toxicológico dela. Computador?

A processar...

— Sim, sim, vamos tentar desdobrar-nos um bocadinho. — Uma vez que tinha, finalmente, uma unidade nova, estava esperançosa. — Passar imagem do homem em exibição nos bancos de identificação. Quero o nome dele.

*Abrindo bancos de identificação.
Abrangência do pedido: local, estatal,
nacional ou global?*

Eve deu uma palmadinha na lateral do computador.

— Assim já gosto mais. Começar com a cidade de Nova Iorque. Continuar visualização do disco, vista normal.

A processar...

O computador murmurou suavemente e a imagem no ecrã recomeçou a andar. No exterior do elevador, o homem levantou a mão de Bryna e pressionou a palma contra os lábios.

— Interromper visualização, começar visualização do elevador dois, vinte e três e quarenta.

A imagem desapareceu e apareceu a imagem do interior do elevador. Eve assistiu ao ritual de acasalamento enquanto o elevador subia até ao décimo segundo piso. O homem mordiscou os dedos dela e inclinou-se para murmurar qualquer coisa ao seu ouvido. Foi Bryna quem avançou, puxando-o contra ela, pressionando o corpo agressivamente contra ele e os lábios sobre os dele.

Foi a mão dela que se movimentou entre ambos, a tocar e apalpar.

Quando as portas se abriram, saíram a rodopiar, ainda agarrados. Eve ordenou mais uma vez uma mudança de disco e observou o casal enquanto se encaminhava para a porta do apartamento dela. Bryna atrapalhou-se um pouco ao introduzir o código das fechaduras. Perdeu ligeiramente o equilíbrio e apoiou-se no corpo dele. Quando ela entrou em casa, ele ficou parado na soleira da porta.

Um perfeito cavalheiro, matutou Eve. Ele tinha um sorriso caloroso no rosto, uma interrogação nos olhos. *Vais convidar-me a entrar?*

Viu o braço de Bryna aparecer subitamente, a mão a agarrar o casaco do homem. Puxou-o para dentro e a porta fechou-se atrás deles.

— Era ela quem estava a tomar a iniciativa — disse Peabody, franzindo o sobrolho para a imagem do corredor vazio.

— Pois era, era ela quem estava a tomar a iniciativa.

— Não quero com isto dizer que merecesse morrer. Digo apenas que ele não estava a forçá-la a fazer nada. Mesmo quando ela ficou um pouco agressiva no elevador, ele não abusou. Naquela situação, muitos homens — caras, a maior parte dos homens — já tinha colocado a mão debaixo da saia dela.

— A maior parte dos homens não deitam pétalas de rosa por cima dos lençóis.

Eve avançou com a imagem do vídeo e mandou-a parar quando a porta do apartamento de Bryna se abriu.

— Registo do tempo em que o homem não identificado saiu do apartamento. Uma e trinta e seis. A mesma hora a que a chamada para o 112 foi feita. Louise disse que verificou se ela tinha pulso. Descontando alguns segundos para reagir ao choque, para correr para o corpo e depois verificar o pulso; mais alguns segundos para retirar o *link* do bolso e fazer a chamada. Foi o tempo de que ele precisou para se afastar da varanda, atravessar o apartamento e sair pela porta. Computador, continuar visualização.

— Ele está trémulo — murmurou Peabody.

— Pois está, e está a suar. — *Mas não correu*, reparou Eve. Ele olhou para a direita, para a esquerda e novamente para a direita enquanto se apressava a percorrer o corredor até ao elevador. Mas não foi a correr.

Viu-o descer de elevador, com as costas comprimidas contra a parede, a mala de couro bem segura contra o peito. Mas ele estava a pensar, matutou Eve. A pensar com cuidado suficiente para ir de elevador até à cave e não até ao átrio, para sair do edifício pela porta das entregas em vez de sair pelas portas da frente.

— Não havia sinais de luta no apartamento. E entre a hora da morte e a hora a que ela bateu no chão, ele não teve tempo de arrumar quaisquer indícios que pudessem existir. Mas ela já estava morta antes de cair da varanda — acrescentou Eve. — Tinha consumido substâncias ilegais, mas no apartamento dela não havia nada. Vamos dar a dica ao pessoal do laboratório, para eles verem o conteúdo da garrafa de vinho e dos copos. Depois vai para casa, dorme um pouco.

— Não vais ligar ao Feeney? Precisas da DDE para examinar o computador dela e descobrir os *e-mails* que ela e o suspeito trocaram, para localizar a conta.

— É verdade. — Eve levantou-se e, embora soubesse que era um erro, pediu mais uma caneca de café ao AutoChef. — Coloca os assuntos pessoais de lado e faz o teu trabalho.

— Agradecia que desses a mesma ordem ao McNab. Chefe.

Eve virou-se para Peabody.

— Ele anda a importunar-te?

— Sim. Não exatamente. — Deixou sair uma profunda inspiração.
— Não.

— Então, em que ficamos?

— Ele certifica-se apenas que eu saiba sempre das mulheres boazudas com quem anda a dormir e como só lhe falta dar cambalhotas no ar desde que o deixei. E nem sequer tem a decência de agir assim à minha frente. Limita-se a fazer com que as coisas me cheguem aos ouvidos.

— Parece que ele andou para a frente com a vida. E, realmente, foste tu quem o deixou, Peabody. Além disso, andas com o Charles.

— Com o Charles não se passa nada disso — insistiu Peabody, falando do sensual acompanhante registado que se tornara seu amigo. E que nunca tinha sido seu amante. — Já te disse.

— Mas não disseste ao McNab. O assunto é vosso — disse Eve rapidamente quando Peabody se preparava para falar. — E não quero ter nada a ver com isso. Se o McNab quiser fornicar cada uma das mulheres dos cinco distritos, e se isso não interferir com o trabalho dele, então não me diz respeito. E a ti também não. Faz os pedidos prioritários para a morgue e para o laboratório, depois vai para casa. Apresenta-te ao trabalho às oito em ponto.

Sozinha, Eve recostou-se na cadeira.

— Computador, estado da pesquisa de identificação.

Busca completa a oitenta e oito ponto dois por cento. Sem resultados.

— Expandir para busca de alcance estatal.

Afirmativo. A processar...

Eve ficou recostada com o café na mão e desejou encontrar um nome. Desejou poder fazer justiça por Bryna Bankhead.

Apesar da cafeína, Eve conseguiu ter um sono mais descansado no chão do gabinete do que na grande e vazia cama em casa. Quando acordou, alargou a busca de identificação até então infrutífera. Levando mais uma caneca de café para os vestiários, lavou o rosto, penteou o cabelo com os dedos e enrolou as mangas da camisa de Roarke.

Passava pouco das oito quando entrou no gabinete do capitão Feeney, na DDE. Ele estava de pé junto do AutoChef e de costas para Eve. À semelhança dela, encontrava-se em mangas de camisa com o arnês da arma colocado em volta das costas. O cabelo seco e cor de gengibre tinha provavelmente visto um pente naquela manhã, mas estava tão penteado como o de Eve.

Ela entrou, cheirou o ar.

— Que cheiro é este?

Ele virou-se, com o longo rosto de *basset hound* toldado com surpresa. *Ah*, pensou Eve, *culpa*.

— Nada. O que foi?

Ela voltou a cheirar o ar.

— *Donuts*. Tu tens *donuts* aqui dentro.

— Chiu, cala-te, cala-te. — Feeney encaminhou-se na sua direção e fechou a porta. — Queres chamar a esquadra inteira para aqui? — Sabendo que uma porta fechada não seria suficiente, Feeney trancou-a. — O que queres?

— Quero um *donut*.

— Escuta, Dallas, a minha mulher entrou numa onda de coisas saudáveis. Ultimamente não consigo comer nada de jeito em casa com tanto tofu e vegetais hidratados. Um homem precisa de um pouco de gordura e açúcar de vez em quando, senão o organismo começa a sofrer.

— Eu estou do teu lado, assim como toda a gente. Dá-me um *donut*.

— Oh, maldição.

Feeney encaminhou-se para o AutoChef e abriu-o. Lá dentro, tinha meia dúzia de *donuts*, perfumados e aquecidos.

— Caraças. *Donuts frescos*.

— Há uma padaria ali no fundo do quarteirão que todas as manhãs faz umas dúzias de *donuts* de verdade. Sabes quanto cobram por cada sacana destes?

Rápida como um chicote, Eve estendeu o braço, agarrou no *donut* e mordeu-o.

— Vale cada cêntimo — disse, por entre uma dentada de manteiga e creme.

— Mas não faças barulho. Se começas a fazer sons deliciosos, não tarda nada estão a bater-me à porta. — Feeney pegou num *donut* e deu uma deliciosa dentada. — Ninguém quer viver eternamente, não é? Eu bem digo à minha mulher, então, sou polícia e os polícias encaram a morte todos os dias.

— E estás muito certo. Também tens com geleia?

Antes que ela conseguisse estender o braço, Feeney fechou o AutoChef. *Inteligente.*

— Por isso, sendo polícia, encarando a morte, e tudo o resto, quem se rala com um pouco de gordura nas veias, não é?

— E ainda por cima gordura da boa. — Eve lambeu o açúcar dos dedos. Podia tê-lo chantageado por um segundo *donut*, mas achou que ia acabar por ficar enjoada. — Ontem à noite, tive uma esborrachada no passeio.

— Suicídio?

— Não. Já estava morta quando caiu da varanda. Estou à espera do relatório do médico-legista e do laboratório, mas parece-me um homicídio sexual. Ela tinha um encontro marcado com um tipo que conheceu *online*, eram amantes virtuais. Consegui uma imagem dele a entrar e sair do edifício, mas a busca de identidade não encontrou ninguém que se lhe assemelhasse. Preciso que o localizes através do computador.

— Tens a unidade contigo?

— Tenho. Está nas Provas. A vítima chama-se Bankhead, Bryna. Ficheiro número H-78926B.

— Vou pôr alguém a tratar disso.

— Agradeço. — Depois hesitou junto à porta. — Feeney, se chamares o McNab para o caso, talvez lhe possas pedir que, sei lá, se acalme um pouco com a Peabody.

O brilho que o *donut* trouxera ao rosto de Feeney desvaneceu-se e deu lugar a um constrangimento doloroso.

— Ahh, Cristo, Dallas.

— Já sei, já sei. Mas se eu tenho de lidar com ela, tu tens de lidar com ele.

— Podíamos fechá-los aos dois numa sala e deixar que resolvessem a coisa sozinhos.

— Vamos considerar a hipótese. Quando souberes de alguma coisa sobre a unidade da vítima, avisa-me.

A busca não estava a dar frutos. Sem grandes esperanças, Eve alargou-a para uma pesquisa global. Escreveu e registou o relatório preliminar para o comandante, depois enviou-o através do sistema interno. Depois de mandar Peabody insistir com o laboratório e a morgue, foi para o tribunal, dar o seu testemunho num caso que estava em julgamento.

Duas horas e meia depois, saiu de rompante do tribunal, a maldizer todos os advogados. Pegou no *link* e ligou a Peabody.

— Atualização?

— Os resultados dos testes ainda não saíram, chefe.

— Porra!

— Um dia difícil no tribunal, Dallas?

— Os advogados de defesa parecem achar que a Polícia de Nova Iorque andou a salpicar sangue da vítima por todo o quarto de hotel do seu inocente cliente, por cima das roupas e da própria pessoa, só para caluniar os turistas psicopatas que esfaqueiam as respetivas mulheres uma dúzia de vezes durante uma briga.

— Bem, as coisas na Câmara do Comércio são difíceis.

— Ah-ah.

— Identificámos a mulher com quem Bankhead falou naquela noite antes de sair. Chama-se CeeCee Plunkett. Trabalhava com a vítima na secção de roupa interior da Saks.

— Arranja transporte. Vai lá ter comigo.

— Sim, chefe, e posso sugerir o adorável café do sexto piso para um almoço? Estás a precisar de proteínas.

— Já comi um *donut*. — Com um sorriso malicioso, Eve interrompeu a comunicação, perante o arquejo chocado e invejoso de Peabody.

Ser apanhada no meio do trânsito infernal da hora de almoço não fez grande coisa para melhorar a sua disposição. Os carros batiam e o trânsito ficava parado durante tanto tempo que ainda ponderou a possibilidade de deixar ali o carro e atravessar a cidade a pé.

Até ter olhado para os passeios cheios de gente.

Até o céu estava apinhado — anúncios e autocarros aéreos, assim como carruagens de turistas rivalizavam por algum espaço no ar. O barulho era ridículo, mas por algum motivo a quantidade impressionante de

som tornava tudo um pouco mais suave. Tanto que, quando ficou presa no semáforo da esquina entre a Madison e a 39th, Eve colocou a cabeça de fora do veículo e pediu ao operador do carro ambulante:

— Dê-me um tubo de *Pepsi*.

— Pequeno, médio ou grande, minha bela senhora?

Ergueu as sobrancelhas, fazendo-as desaparecer por baixo da franja. Aquele simpático operador era um droide ou novo por aquelas bandas.

— Pode ser grande — disse, levando a mão ao bolso para procurar moedas.

Quando ele se inclinou para lhe dar o tubo, Eve reparou que não era droide nem novo. Identificou-o como tendo uns bons noventa anos e os seus dentes mostravam que se preocupava bastante mais com a higiene dentária do que a maior parte dos operadores de carros ambulantes.

— Está um lindo dia, não está?

Eve olhou para o trânsito, para as aglomerações de veículos que praticamente bloqueavam o céu naquele setor da cidade.

— Está a brincar comigo.

Ele limitou-se a sorrir novamente.

— Cada dia em que estamos vivos, é um lindo dia, menina.

Eve pensou em Bryna Bankhead.

— Acho que tem razão.

Abriu o tubo e bebeu-o pensativamente enquanto avançava centímetro a centímetro pela Madison. Ao chegar à 51st Street, parou o carro, estacionou em fila dupla e ligou o sinal «Em Serviço».

Fazendo das tripas coração, entrou a passos largos na Saks e na miríade de produtos cosméticos.

Droides modernos e elegantes desfilavam junto às portas num padrão concebido para confundir o olhar e tornar impossível uma passagem discreta. A servir de apoio, havia consultores humanos que trabalhavam em cabinas, balcões ou patrulhavam os expositores, na opinião de Eve, à procura de clientes que se queriam escapar deles. O ar estava impregnado com aromas.

Uma droide com um cabelo magenta em forma de estrela deslizou pelo solo para bloquear o progresso de Eve.

— Boa-tarde e seja bem-vinda à Saks. Hoje, a nossa fragrância principal...

— Se me cai uma gota disso em cima, uma única gota, enfio-lhe o

frasco inteiro pela goela abaixo — avisou quando a droide se preparava para a borrifar.

— Na verdade, *madame*, basta uma gota de *Orgasma* para enfeitiçar o amante dos seus sonhos.

Eve afastou o casaco para o lado, tocou com os dedos na arma e disse:

— Também basta uma bala para a colocar no centro de reciclagem, Ruiva. Agora, saia-me da frente.

A droide recuou, com uma velocidade satisfatória. Eve ouviu a chamada para a segurança enquanto passava pela parede de clientes e consultores. Quando um par de droides de uniforme se dirigia a ela, tirou o distintivo.

— Polícia de Nova Iorque. Estou aqui para tratar de assuntos oficiais. Mantenham esses malditos lançadores de perfume longe de mim.

— Com certeza, tenente. Podemos ajudá-la em alguma coisa?

— Podem. — Voltou a guardar o distintivo no bolso. — Onde fica o departamento de roupa interior?

Enquanto entrava no piso da roupa interior, Eve pensou que pelo menos ali não a interpelavam com peças de roupa na mão. Ainda assim, vender sexo parecia estar na ordem do dia, já que vários droides-modelo andavam pelo departamento com roupa interior e peças de noite. Pelo menos os funcionários humanos usavam roupa real.

Viu imediatamente CeeCee Plunkett e esperou até a rapariga acabar de ensacar uma venda.

— Menina Plunkett?

— Sim, posso ajudá-la?

Eve voltou a tirar o distintivo.

— Há algum local onde possamos falar em particular?

CeeCee tinha as faces rosadas, mas ficaram rapidamente pálidas. Os bonitos olhos azuis arregalaram-se.

— Oh, meu Deus. Oh, meu Deus, é a Bry. Aconteceu alguma coisa à Bryna. Ela não veio trabalhar, não responde às chamadas. Fizeram-lhe mal.

— Podemos conversar noutro lugar?

— Eu... sim. — Pressionando uma mão contra a têmpora, CeeCee olhou em redor. — A zona dos provadores; não devia deixar o meu lugar. Eu...

— Ei! — Eve chamou uma droide vestida com um sutiã e cuecas pretos transparentes. — Tome conta do balcão. Para onde vamos? — perguntou a CeeCee, contornando o balcão para lhe pegar no braço.

— Aqui para trás. Ela está no hospital? Qual deles? Tenho de a ir ver. Uma vez dentro de um dos pequenos cubículos de provas, Eve fechou a porta. Havia um minúsculo banco almofadado num dos cantos; guiou CeeCee até ele.

— Sente-se.

— A situação é má — disse, agarrando o braço de Eve. — É muito má.

— Sim, lamento. — Jamais haveria uma maneira fácil de fazer aquilo. Só havia a maneira rápida: uma facada imediata no coração, em vez de o cortar centímetro a centímetro. — Bryna Bankhead foi morta esta madrugada.

CeeCee abanou a cabeça e continuou a abaná-la lentamente enquanto a primeira lágrima lhe escorria pelo rosto abaixo.

— Ela teve um acidente?

— Ainda estamos a tentar determinar o que aconteceu.

— Eu falei com ela. Falei com ela ontem, na noite de ontem. Ela ia ter um encontro. Por favor, diga-me o que aconteceu à Bry.

Os meios de comunicação social já tinham dado a notícia da morte e das suas circunstâncias, pelo menos tanto quanto sabiam. Se ainda não tinham descoberto o nome da vítima, não iam demorar muito tempo a fazê-lo, pensou Eve.

— Ela... caiu da varanda.

— Caiu? — CeeCee começou a levantar-se, mas acabou por se enterrar ainda mais no banco. — Mas isso não pode ser. É que não pode ser mesmo. Ela tinha uma parede de segurança.

— Estamos a investigar, Menina Plunkett. Iria ajudar-me muito se me respondesse a algumas perguntas. Oficialmente?

— Ela não devia ter caído. — Agora, a sua voz era trespassada pela fúria e insulto, que passavam no meio do choque. — Ela não era estúpida nem descuidada. Jamais teria caído da varanda.

Eve tirou o gravador.

— Eu vou descobrir o que se passou. O meu nome é Dallas, tenente Eve Dallas — disse para CeeCee e para a gravação. — Sou investigadora principal no caso da morte de Bryna Bankhead. Estou a interrogá-la presentemente, CeeCee Plunkett, na qualidade de amiga da falecida. Na noite passada, teve uma conversa com ela através do *link*, alguns minutos antes das nove, mesmo antes de Bryna sair do seu apartamento.

— Sim. Sim. Ela ligou-me. Estava muito nervosa e entusiasmada. — A voz de CeeCee ficou mais rouca. — Oh, Bry.

— Por que motivo estava nervosa e entusiasmada?

— Porque tinha um encontro. O primeiro encontro com o Dante.

— Qual é o nome completo dele?

— Não sei. — Procurou no bolso do casaco por um lenço de papel, mas depois rasgou-o em mil pedaços em vez de limpar o rosto. — Eles conheceram-se *online*. E não sabiam o sobrenome um do outro, faz parte das regras. Por motivos de segurança.

— Há quanto tempo estava em contacto com ele?

— Talvez há três semanas.

— Como se conheceram?

— Num *chat* sobre poesia. Havia uma grande discussão sobre a poesia ao longo dos séculos e... oh, Deus. — Inclinou-se para a frente e enterrou o rosto nas mãos. — Ela era a minha melhor amiga. Como lhe pode ter acontecido uma coisa destas?

— Era a sua confidente?

— Contávamos tudo uma à outra. Sabe como são as coisas entre amigas.

Mais ou menos, pensou Eve.

— Tanto quanto sabia, este era o primeiro encontro com o Dante?

— Sim, por isso estava tão entusiasmada. Comprou um vestido novo, sapatos novos. E aqueles brincos maravilhosos...

— E era normal da parte dela levar um primeiro encontro para casa, para fazerem sexo?

— De maneira nenhuma. — CeeCee deu uma gargalhada triste. — A Bry tinha demasiadas regras antiquadas acerca do sexo, das relações e das fases por que se passava. Um tipo tinha de passar pelo que ela chamava de Teste de Trinta Dias antes de ir para a cama com ele. Eu costumava dizer-lhe que nada se mantém fresco durante um mês, mas ela... — A voz de CeeCee desvaneceu-se. — O que me está a dizer?

— Estou apenas a tentar compor uma imagem. Ela consumia substâncias ilegais?

Embora as lágrimas ainda brilhassem nos olhos de CeeCee, estes assumiram uma expressão dura.

— Não estou a gostar das suas perguntas, tenente.

— Mas tenho de as fazer. Olhe para mim. Olhe para mim — repetiu Eve. — Não quero magoar a memória dela, nem a quero magoar a si. Mas preciso de saber quem ela era, para lhe poder fazer justiça.

— Não, ela não consumia substâncias ilegais — respondeu CeeCee

bruscamente. — Cuidava muito bem do corpo, tanto por dentro como por fora. Ela era assim. Era inteligente, divertida e decente. E *não* iria enlouquecer ao tomar substâncias ilegais e cair da maldita varanda. Também não saltou dela, por isso nem sonhe em fazer passar o que aconteceu por um suicídio. Se caiu da varanda, foi porque alguém a empurrou. Foi porque...

Enquanto se consciencializava das suas próprias palavras, CeeCee ficou ainda mais furiosa.

— Alguém a matou. Alguém matou a Bry. Esse... esse tal Dante. Ele seguiu-a até casa depois do encontro. Arranjou maneira de entrar no apartamento dela e matou-a. Ele matou-a — repetiu, enterrando os dedos no pulso de Eve. — Tem de o encontrar.

— Eu vou encontrá-lo — prometeu Eve. — CeeCee, ainda não conheço todos os factos, mas vou encontrá-lo. Conte-me tudo o que sabe sobre este homem que ela conhecia como Dante. Tudo o que se lembrar que a Bryna lhe tenha contado.

— Não consigo aguentar isto. Desculpe, mas não consigo. — Levantou-se lentamente e dirigiu-se para o jarro de água fresca que estava em cima do aparador do provador. Quando o jarro estremeceu e a água se agitou, Eve foi ter com ela e serviu-lhe um copo de água.

— Obrigada.

— Descanse um minuto. Sente-se, beba a água e descanse um minuto.

— Eu estou bem. Vou ficar bem. — Mas tinha de segurar o copo com as duas mãos para conseguir beber. — Ele era supostamente dono da própria empresa. Era um homem rico. Bryna disse que ele não se gabava disso, mas que percebia por pequenas coisas que ele dizia. Lugares onde já tinha estado, como Paris, Moscovo, o Resort Olympus, Birmini, sei lá.

— Que tipo de empresa tinha ele?

— Eles não falaram desse tipo de pormenores. Da mesma forma que ele não devia saber que ela trabalhava aqui. Embora soubesse.

O olhar de Eve aguçou-se.

— Como sabe disso?

— Porque na semana passada ele enviou-lhe rosas cor-de-rosa para aqui.

Rosas cor-de-rosa, pensou Eve. *Como as pétalas cor-de-rosa*.

— Que mais?

— Ele falava italiano, francês e hmm... espanhol. Línguas românticas — acrescentou, misturando lágrimas e máscara de pestanas com as

costas das mãos. — A Bry estava muito envolvida no romance de tudo isto. Disse que ele tinha a alma mais romântica do mundo. E eu disse, ah, muito bem, e quanto ao rosto dele? Ela deu uma gargalhada e respondeu-me que quando os corações falavam um com o outro, o aspeto físico não importava. Mas que não ia ficar triste se ele fosse tão bonito como parecia.

Mais calma, virou o copo nas mãos.

— Tenente... Ele violou-a?

— Não sei. — Eve tirou uma imagem que imprimira do disco da segurança. — Conhece este homem?

CeeCee observou o rosto de Dante.

— Não — disse, penosamente. — Nunca o vi antes. Mas é ele, não é? Bem, bem. Parece que afinal era tão bonito como parecia. Filho da mãe. O grande filho da mãe. — Começou a rasgar a fotografia e Eve não fez nada para a impedir.

— Onde iam encontrar-se para tomar uma bebida ontem à noite?

— No maldito Rainbow Room. Bry escolheu o local porque achava que era romântico.

Quando saiu do provador, Eve viu Peabody a olhar, com bastante anseio, para um expositor de fatos justos de renda.

— Isso não seria confortável durante mais de cinco minutos — disse Eve.

— Se cumprir o seu propósito, não ias tê-lo vestido durante mais de cinco minutos. A droide disse que estavas aqui atrás com a Plunkett.

— Sim. O tipo dá pelo nome de Dante, gosta de poesia e de botões de rosa cor-de-rosa. Vou pôr-te ao corrente.

— Para onde vamos?

— Para a morgue, a caminho do Rainbow Room.

— Isso soa tão... esquisito.

E era, se se comparasse o aspeto de alumínio e mármore de um com o interior branco, sombrio e cúbico do outro. Mas o melhor que Eve conseguiu arrancar da conhecida casa de lazer foram os nomes e moradas dos funcionários que tinham estado de serviço na noite anterior.

Teve mais sorte na casa dos mortos.

— Ah, a minha polícia favorita veio dar-me um raspanete. — Morris, o médico-legista-chefe, desligou o bisturi de *laser* e sorriu amplamente. Usava o cabelo negro e comprido em meia dúzia de tranças, agora coberto com uma touca cirúrgica transparente. Uma camisa elegante cor

de ameixa e as calças estavam protegidas dos salpicos por uma bata de laboratório também transparente.

— Não é o meu caso que estás a cortar, Morris.

— Não, mas é uma pena. — Olhou de relance para o corpo de um jovem negro. — Este infeliz rapaz parece ter ido, numerosas vezes, contra um instrumento de lâmina longa e afiada. Uma pessoa pensaria que ele parava depois do primeiro golpe, mas não. Continuou a atirar-se para cima da faca até ter caído de joelhos, morto.

— Era porque aprendia devagar. — Eve comprimiu os lábios enquanto observava a ereção impressionante do cadáver. — A avaliar pela excitação que ostenta, diria que ele consumiu Exótica e um pouco de Zeus. Essa combinação consegue fazer com que a ferramenta de um homem fique assim hasteada muito depois de o resto do corpo estar caído.

— Sinto-me inclinado a concordar contigo, principalmente porque o teu colega detetive Baxter reportou que o nosso recém-falecido estava a empregar entusiasticamente a ferramenta na mulher do irmão.

— Ai sim, e presumo que tenha parado de fornicar e passado a dançar contra a faca só para mudar um pouco de ritmo, não?

— Sim, de acordo com o irmão e a mulher dele, que, apesar de ter dado uma queda aparatosa que lhe partiu o queixo, ainda se conta entre os vivos.

— Há gente para tudo. Se o Baxter tem o irmão sob custódia e já tens a causa da morte, por que motivo não estás a trabalhar no meu caso?

— Anda comigo. — Morris curvou um dedo e atravessou um par de portas oscilantes que davam para outra sala de autópsias. O único ocupante era o que restava do corpo de Bryna Bankhead. Estava disposta numa marquesa de aço com um lençol fino verde a cobri-la até ao pescoço.

Devia ter sido obra de Morris, pensou Eve. Ele conseguia ser muito respeitador para com os mortos.

— Imagino que tenha sido uma jovem bastante atraente.

Eve fitou o rosto arruinado. Pensou no espelho da casa de banho, na gaveta de melhoradores primorosamente organizada.

— Sim, diz-me como morreu ela, Morris.

— Acho que sabes. A tua medição da hora do óbito foi precisa. Foi-lhe poupado o medo da queda, o insulto do passeio, até o conhecimento de que estava a morrer. — Tocou muito levemente no cabelo dela, com os dedos selados. — Ela ingeriu, durante um período aproximado de

duas horas e meia a três horas, mais de sessenta gramas de um sintético chamado *Hormonibital-six*, uma substância de controlo bastante cara e difícil de se obter.

— O nome de rua é Rameira. É um bloqueador de inibições — murmurou Eve. — Outrora bastante comum como droga de violação.

— Não tão comum assim — corrigiu Morris. — Os seus derivados são mais comuns e muito menos potentes e eficientes. O que Bryna tinha no corpo era puro. Sessenta gramas, Dallas, com um valor de rua de mais de um quarto de milhão. Isto se o conseguisses encontrar nas ruas, coisa que não é possível. Há mais de quinze anos que não encontro qualquer indício desta substância num corpo.

— Ouvi falar disso quando estava na academia. Mas achei que eram mitos urbanos merdosos.

— E eram mesmo mitos urbanos merdosos.

— Foi isso que a matou? Teve uma *overdose*?

— Não só. A combinação com álcool foi perigosa, mas não fatal. Só que o nosso herói excedeu-se. Metade da quantidade que lhe deu teria sido o suficiente para garantir a total colaboração da parte dela. O que tinha no corpo daria para a manter sob o efeito durante oito ou dez horas. E ia acordar com a maior ressaca de todos os tempos. Dores de cabeça, vômitos, tremores, perdas de consciência, perda de noção temporal. Demoraria setenta e duas horas para sair do seu organismo.

Só de pensar naquilo, Eve ficava enojada.

— Mas ele também a poupou a isso. Como?

— Deu-lhe demasiado. Deixou-a letárgica. Presumo que quisesse uma queca mais ativa porque no último copo de vinho deu-lhe um pequeno *cocktail* de *Aneminiphine-colax-B*. Conhecido como Coelho Selvagem.

— Ele não se esqueceu de nada, pois não? — perguntou Eve calmamente.

— Este complexo bombardeia os sistemas nervoso e respiratório, mas os dela já estavam comprometidos. A combinação sobrecarregou o coração dela. Chegou ao ponto máximo cerca de vinte minutos após a ingestão. Ela estava demasiado dopada pelas doses anteriores de Rameira para se aperceber do que lhe estava a acontecer.

— Era possível que nessa altura o tivesse tomado de livre vontade?

Gentilmente, Morris levantou o lençol para cima do rosto de Bryna.

— Depois dos primeiros gramas do bloqueador de inibições, nada do que esta rapariga fez foi de livre vontade.

— Ele drogou-a, violou-a e a combinação das duas substâncias matou-a — disse Eve. — Depois atirou-a pela janela como se fosse uma boneca velha, numa tentativa de encobrir o que tinha acontecido.

— Na minha estimada e reconhecida opinião médica, foi isso que aconteceu.

— Agora, faz-me ganhar o dia, Morris e diz-me que ele deixou esperma dentro dela. Diz-me que arranjaste o ADN dele.

O rosto de Morris iluminou-se como o rosto de uma criança.

— Ah, sim, se arranjei. Detém este tipo, Dallas, que te ajudo a fechar a cela para onde ele vai.